

SUPERAR O FASCISMO: A DIALÉTICA AMEFRICANA DE LÉLIA GONZALEZ E SUAS CONTRIBUIÇÕES À EDUCAÇÃO

Marcelo Marconato Magalhães¹⁰⁷

Introdução

Ao contrário do que Brecht sustentava, o fascismo no Brasil e no mundo não está mais apenas dormente, mas veio à luz. Os últimos tempos viram o retorno de um sempiterno presente fascismo, desavergonhado de si, que outrora, não há muito tempo, é verdade, fazia-se de rogado para tomar a palavra e irromper em violência travestida de moral e bons costumes. Os Sieg Heil proliferam-se mundo afora como se fossem meros “obrigado”, “até logo” e “desejo que fiquem bem”, deixando para trás sua fantasia de apito de cachorro – comunicando com um disfarçado pudor o desejo de intolerância, violência e perseguição – e agora alardeando seus absurdos em alto e bom som para quem for obrigado a ouvir. A nova ascensão fascista também conta com a configuração econômico-política mundial bastante propícia à recepção da escalada da extrema-direita atual, além de líderes políticos que defendem a ideia. Diante deste cenário, que resta à comunidade acadêmica senão pensar a superação desta aberração política denominada fascismo?

Sustenta-se superação porque não basta apenas o trabalho crítico, a dialética negativa, a constatação da banalidade, a desconstrução ou a denúncia das mazelas que o fascismo traz consigo. É necessária uma compreensão que implique a concepção da superação do fascismo para que este seja determinado e estabelecido não apenas em bases subjetivas mas também como objetividade a ser identificada, determinada e, por seu próprio caráter de finitude, superada. Neste sentido, o pensamento brasileiro é devedor de uma de suas mais brilhantes intelectuais que não se furtou a conceber a superação do fascismo a partir de sua dialética amefricana, Lélia Gonzalez.

Justificativa

Lélia Gonzalez, como pensadora dialética, foi capaz de, reconhecendo suas influências dialéticas, propor sínteses ao já pensado e de sistematizar concretamente a situação brasileira a partir do que a própria realidade lhe fornecia, compreendendo a

¹⁰⁷ Doutorando em Educação – UNESP. E-mail: marcelo.marconato-magalhaes@unesp.br

razão na história e, justamente por tal característica, ir além de propostas transcendentais e aprofundar o universal na particularidade brasileira ao concatenar a realização do universal na história do Brasil, isto é, compreender o papel central que a amefricana, a mulher, a negra e a trabalhadora desempenham no desenvolvimento racional do curso histórico nacional.

As implicações políticas e culturais da categoria de amefricanidade (Amefricanity) são, de fato, democráticas; exatamente porque o próprio termo nos permite ultrapassar as limitações de caráter territorial, linguístico e ideológico, abrindo novas perspectivas para um entendimento mais profundo dessa parte do mundo onde ela se manifesta: A América como um todo (Sul, Central, Norte e Insular). Para além do seu caráter puramente geográfico, a categoria de amefricanidade incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas) que é afrocentrada, isto é, referenciada em modelos como: a Jamaica e o akan, seu modelo dominante; o Brasil e seus modelos iorubá, banto e ewe-fon. Em consequência, ela nos encaminha no sentido da construção de toda uma identidade étnica. Desnecessário dizer que a categoria de amefricanidade está intimamente relacionada àquelas de pan-africanismo, négritude, afrocentricity etc." (Gonzalez, 1988, p. 74).

Sustenta-se neste trabalho a consideração da categoria de amefricanidade conforme proposta por Gonzalez como a própria dialética amefricana que, enquanto última no tempo, se mostra de fato como o que primeiro se colocava enquanto processo de descobrimento de si própria, resultante em si própria. Diante deste cenário, coloca-se a pergunta da seguinte pesquisa: quais são as contribuições da dialética amefricana de Lélia Gonzalez na superação do Fascismo e para o pensamento educacional brasileiro?

Objetivos

O objetivo geral deste trabalho é a discussão e explicitação da noção de dialética amefricana em Lélia Gonzalez e como, a partir deste pensamento, é possível compreender a superação do Fascismo a partir de suas contribuições para a Educação. Nesse sentido, o combate ao e a superação do fascismo ganham muito ao compreenderem a dialética amefricana anticolonial de Lélia Gonzalez como motor da história brasileira.

Metodologia

A metodologia deste trabalho é a consideração dialética da história, especulativa, materialista e amefricana. A pesquisa foi realizada a partir de pesquisa bibliográfica.

Resultados

A dialética amefricana tem por característica, a partir de sua própria autoconstituição, a compreensão da situação real daqueles que são os maiores responsáveis pelo desenvolvimento brasileiro, os amefricanos, ameríndios, as mulheres e as trabalhadoras, e justamente por tal característica, declara-se como dialética inclusiva, como pensamento que enxerga na particularização do universal o próprio automovimento de universalização da particularidade e na particularidade, concebendo a realidade brasileira como devindo, possivelmente, mais inclusiva e universal a partir do enfrentamento das condições materiais e espirituais de vida por aqueles que embora responsáveis pelo desenvolvimento sócio-econômico-humano do país, são, sob o mesmo aspecto, os mais excluídos da realidade brasileira. E são mais excluídos da realidade brasileira porque, infelizmente, como anteriormente indicado, aqui o Fascismo renasceu.

Ao caracterizar o *Ur-Fascismo*, Umberto Eco (2018) aponta, dentre outras, a presença de nacionalismo xenófobo, machismo, racismo por definição e, aqui se destaca, irracionalismo irrestrito, sobretudo. O Fascismo, evidentemente, é a contramão da universalização racional da vida em comunidade, ponto pacífico dentre seus teóricos e ameaça constante interna e externamente aos sujeitos da história. Enquanto histórica, a dialética compreensiva e inclusiva de Lélia Gonzalez atua como prática efetiva contrária à intolerância e à violência ao apontar os caminhos à superação do Fascismo a partir da conceituação da totalidade. Isso porque a dialética que avança sobre si mesma considera-se como progressão histórico-racional além do determinado estabelecido rumo à liberdade racional. Nesse sentido, a amefricanidade indicada por Lélia implica o reconhecimento de que as posições da amefricana, da trabalhadora, da ameríndia no Brasil são *sui generis* e centrais no processo de libertação da população oprimida.

Considerações Finais

Ao compreender as contribuições de Lélia para a educação brasileira, a formação amefricana e a superação do Fascismo, é inevitável, entretanto, que se questione: por que Gonzalez ainda é tão pouco lida, tão pouco parte integrante do currículo brasileiro? Não há dúvidas, nem mesmo a questão é tão complicada assim, posto que explicada pela própria dialética amefricana que concebe a si e à sua própria história: há evidente silenciamento ao estudo de sua obra tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior, ponto que por si só já confirma tanto a exclusão da particularidade negra na

constituição da intelectualidade brasileira quanto, sob o mesmo aspecto, também confirma a necessidade da universalidade afirmar-se enquanto intelectualidade negra, mulher, e tais pontos só reforçam o poder da dialética amefricana na superação do Fascismo. Tal silenciamento de amefricanos realizado pelo racismo institucionalizado servidor aos interesses do Mercado configura-se enquanto epistemicídio de saberes originários e tradicionais que passaram por processo de apagamento e extermínio com base em valores centrais ao Fascismo, como anteriormente elencados enquanto racismo, machismo e irracionalismo. Face a tal cenário, é importante destacar o quanto Lélia Gonzalez sustentava a luta anticolonial, antirracista e antiescravista em seus trabalhos.

A consideração racional, dialética, obrigatoriamente dá a si mesma este conteúdo enquanto superação de seus traços irracionais, e tal conteúdo implica necessariamente a compreensão da centralidade do aprofundamento da exploração capitalista de trabalhadoras mulheres, negras, transsexuais, homossexuais, amefricanas, sobretudo, em uma perspectiva integradora e historicamente totalizadora. Portanto, Lélia e sua dialética amefricana, não se propõem a apenas denunciar aquilo que está posto ou problematizar a realidade brasileira apontando seus fracassos, mas indicam o que fazer diante de cenário tão fascista.

Não queremos essa lei abstrata e geral que, de repente, reproduz aquela história de que no Brasil não existe racismo porque o negro conhece o seu lugar. Nós queremos, efetivamente, que a lei crie estímulos fiscais para que a sociedade civil e o Estado tomem medidas concretas de significação compensatória, a fim de implementar aos brasileiros de ascendência africana o direito à isonomia nos setores de trabalho, remuneração, educação, justiça, moradia, saúde e por aí fora. (Gonzalez, 2020, p. 262).

Lembre-se: Lélia também fundou o Movimento Negro Unificado em final da década de 70 como forma de ampliar as críticas ao mito da democracia racial e fortalecer o reconhecimento amefricano no Brasil, teorizando sobre o racismo e a opressão, afirmando a identidade negra, abordando a inserção da mulher negra e, apoiando, sobretudo, a discussão sobre as questões raciais que afetavam trabalhadoras negras dentro de organizações sociais que se colocavam como progressistas, mas que olvidavam tais temas, como os sindicatos de trabalhadores, ressaltando o aspecto classista da luta amefricana.

A dialética amefricana mostra-se, assim, como uma das principais elaborações educacionais brasileiras para a superação do Fascismo. Possamos querer pensar lelianamente.

Referências

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, N°. 92/93 (jan./jun.). 1988, p. 69-82.

GONZALEZ, Lélia. Discurso na Constituinte. In: **Por um feminismo afro-latino-americano**. São Paulo: Zahar, 2020.

ECO, Umberto. **O Fascismo Eterno**. São Paulo: Record, 2018.